VI CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2019

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO EM GEOGRAFIA NAS ESCOLAS
EM TEMPO INTEGRAL NA CIDADE DO RECIFE – PE.**

**CONCEPCIONES Y PRÁCTICAS DE EVALUACIÓN DE GEOGRAFÍA EN
ESCUELAS DE TIEMPO COMPLETO EN LA CIUDAD DE RECIFE - PE.**

**GEOGRAPHY ASSESSMENT CONCEPTIONS AND PRACTICES IN FULL TIME
SCHOOLS IN RECIFE - PE CITY.**

Apresentação: Comunicação Oral

Antônio Henrique do Nascimento Filho¹; Claudia dos Santos Xavier²; Jederson da Silva Rocha³; Ana Paula Torres de Queiroz⁴

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VICOINTERPDVL.2019.0056>

Resumo

Este artigo insere-se no Projeto de pesquisa intitulado Novas Perspectivas de Ensino e Avaliação: concepções, práticas, estratégias e repercussões do Instituto federal de Pernambuco – Campus Recife. Este trabalho parte do princípio de que a avaliação é, acima de tudo, a bússola orientadora de todo o processo ensino-aprendizagem e que, além de permitir verificar em grande medida se cada um dos objetivos foi atingido, possibilita adaptá-los às características e interesses do aluno e adequar às propostas educativas ao nível de aprendizagem da turma, cabendo um novo pensar e fazer a educação a partir de suas práticas avaliativas. Sendo assim, se tratando das novas perspectivas de Avaliação, busca-se superar velhos modelos de avaliação, que são padronizadores, seletivos, excludentes, arbitrários e desumanizadores. Dentre os aportes teóricos, trazemos para este estudo de caso as Abordagens do Processo (MIZUKAMI, 1986), as Gerações da Avaliação (GUBA; LINCOLN, 1989) e (MORETO 2006), A Avaliação da Experiência (VIANA, 2014). Os passos metodológicos adotados serão organizados como um Ciclo da Experiência Kellyana (CEK), que visam orientar a aplicação de uma série de instrumentos de coleta e construção dos dados da pesquisa, que serão mais bem detalhados adiante e, por fim, o ensino de Geografia por (CASTELLAR, 2011), (CAVALCANTI, 2006) e (LACOSTE, 1998). O objetivo do trabalho é analisar as relações existentes entre as concepções e práticas de avaliação do professor e como essas relações interferem na vivência de uma perspectiva de avaliação mais inovadora, participativa, democrática e ética. A pesquisa é do tipo estudo de caso, e, como instrumentos de coleta de dados foram feitas em entrevistas semiestruturada para os docentes do

¹ Licenciatura em Geografia, Instituto federal de Pernambuco – Campus Recife, rikemontarroyos@gmail.com

² Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Pernambuco – Campus Recife, claudia4gsantos@gmail.com

³ Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Pernambuco – Campus Recife, jedersonrocha@hotmail.com

⁴ Mestre, Instituto Federal de Pernambuco – Campus Recife, anaqueiroz@recife.ifpe.edu.br

componente curricular Geografia nas escolas selecionadas da rede estadual de ensino em tempo integral em bairros na cidade do Recife, atingindo os objetivos específicos apontados no plano de atividades proposto, chegando aos resultados tratados no artigo.

Palavras-Chave: avaliação, ensino de Geografia, Geografia escolar, práticas avaliativas.

Resumen

Este artículo es parte del proyecto de investigación titulado Nuevas perspectivas de enseñanza y evaluación: concepciones, prácticas, estrategias y repercusiones del Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife. Este trabajo asume que la evaluación es, sobre todo, la brújula guía de todo el proceso de enseñanza-aprendizaje y que, además de permitir verificar en gran medida si se ha logrado cada uno de los objetivos, les permite adaptarse a las características y intereses del alumno y adaptarse a las propuestas educativas al nivel de aprendizaje de la clase, ajustando un nuevo pensamiento y haciendo educación a partir de sus prácticas evaluativas. Por lo tanto, cuando se trata de las nuevas perspectivas de evaluación, buscamos superar los viejos modelos de evaluación, que son estandarizadores, selectivos, excluyentes, arbitrarios y deshumanizantes. Entre las contribuciones teóricas, traemos a este estudio de caso los Enfoques del proceso (MIZUKAMI, 1986), las Generaciones de evaluación (GUBA; LINCOLN, 1989) y (MORETO 2006), La evaluación de la experiencia (VIANA, 2014). Los pasos metodológicos adoptados se organizarán como un Kellyana Experience Cycle (CEK), que tiene como objetivo guiar la aplicación de una serie de instrumentos para recopilar y construir datos de investigación, que se detallarán a continuación y, finalmente, la enseñanza de Geografía. por (CASTELLAR, 2011), (CAVALCANTI, 2006) y (LACOSTE, 1998). El objetivo de este artículo es analizar las relaciones entre las concepciones de los docentes y las prácticas de evaluación, las propias y cómo estas relaciones interfieren con la experiencia de una perspectiva de evaluación más innovadora, participativa, democrática y ética. La investigación es un estudio de caso, y como los instrumentos de recolección de datos se realizaron en entrevistas semiestructuradas para maestros del componente curricular Geografía en escuelas seleccionadas de la red educativa estatal de tiempo completo en vecindarios de la ciudad de Recife, logrando los objetivos mencionado en el plan de actividades propuesto, alcanzando los resultados tratados en el artículo

O resumo traduzido em espanhol, Times New Roman 12, espaçamento simples.

Palabras Clave: evaluación, enseñanza de geografía, geografía escolar, prácticas evaluativas.

Abstract

This article is part of the research project entitled New Perspectives of Teaching and Evaluation: conceptions, practices, strategies and repercussions of the Federal Institute of Pernambuco - Campus Recife. This work assumes that evaluation is, above all, the guiding compass of the whole teaching-learning process and that, in addition to allowing to verify to a large extent whether each of the objectives has been achieved, allows them to be adapted to the characteristics and interests of the student and adapt to the educational proposals to the learning level of the class, fitting a new thinking and doing education from their evaluative practices. Thus, when it comes to the new perspectives of Evaluation, we seek to overcome old models of evaluation, which are standardizing, selective, excluding, arbitrary and dehumanizing. Among the theoretical contributions, we bring to this case study the

Approaches of the Process (MIZUKAMI, 1986), the Generations of Evaluation (GUBA; LINCOLN, 1989) and (MORETO 2006), The Evaluation of Experience (VIANA, 2014). The methodological steps adopted will be organized as a Kellyana Experience Cycle (CEK), which aims to guide the application of a series of instruments for collecting and constructing research data, which will be further detailed below and, finally, the teaching of Geography. by (CASTELLAR, 2011), (CAVALCANTI, 2006) and (LACOSTE, 1998). The aim of this paper is to analyze the relationships between teachers' conceptions and assessment practices, their own and how these relationships interfere with the experience of a more innovative, participatory, democratic and ethical evaluation perspective. The research is a case study, and as data collection instruments were made in semi-structured interviews for teachers of the curriculum component Geography in selected schools of the state full-time education network in neighborhoods in the city of Recife, achieving the objectives mentioned in the proposed plan of activities, reaching the results dealt with in the article

Keywords: assessment, teaching of geography, school geography, evaluative practices.

Introdução

Tradicionalmente, a avaliação se orienta pela busca excessiva da objetividade. Muitos professores pensam que avaliar é somente medir e classificar o aluno, com base em reprodução de respostas memorizadas, que culminam na nota ou média, compreendendo que isso por si só é capaz de apontar se houve ou não aprendizagem. Conforme afirma Sordi (2000, p. 236), “A obtenção da nota rege o processo de ensino, deslocando para a periferia o interesse pelo ato de conhecer”.

Culturalmente, a avaliação é concebida como um instrumento de classificação. Tal paradigma precisa ser superado, dando lugar a uma concepção de avaliação onde o foco seja a aprendizagem. Entendemos que todo processo de mudança implica tomada de decisão, logo o papel do professor de geografia é ser transformador da educação, este deve moldá-la com atitudes acolhedoras e respeito ao aluno, atento ao esforço e cultivando sua confiança, dando ênfase a observação das aprendizagens, pois tais medidas constituem-se num ato de reflexão e compromisso.

Sendo assim, esse estudo insere-se o plano de atividades do programa de iniciação científica (PIBIC) do Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife, sobre as concepções e práticas de avaliação na Geografia escolar.

Embora muito já se tenha dito e escrito sobre a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem como instrumento de formação, inclusão e emancipação do aluno, constata-se que a realidade no cotidiano escolar ainda está longe de atender a essa premissa.

Este artigo parte do princípio de que a avaliação é, acima de tudo, a bússola orientadora de todo o processo ensino-aprendizagem e que, além de permitir verificar em grande medida se cada um dos objetivos foi atingido, possibilita adaptá-los às características e interesses do aluno e adequar às propostas educativas ao nível de aprendizagem da turma, cabendo um novo pensar e fazer a educação a partir de suas práticas avaliativas.

A avaliação deve ser sempre no sentido de desafiar o aluno a ir além, de valorizar suas conquistas, de instrumentalizá-lo para a superação das dificuldades e dos medos, permitindo-lhe cada vez mais amplos e livres de barreiras emocionalmente impostas.

Para Luckesi (1999, p. 33), a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. Nesse sentido, avaliar a aprendizagem é observar, criticar, ponderar, e analisar a realidade da aprendizagem demonstrada ao longo do processo de ensino, e realimentar a prática pedagógica, a postura do professor e sua relação com os alunos, com base nos resultados dessas ações.

Um dos principais questionamentos de Lacoste (1998) em relação à geografia escolar, a qual denominou “Geografia dos Professores”, refere-se ao fato de essa disciplina estar centrada na memória e na informação. A crítica se dá em função da fragmentação curricular e da maneira como essa área do conhecimento foi desenvolvida – ele afirma que “de todas as disciplinas ensinadas na escola, a geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino”, realidade que ainda hoje se pode constatar em várias situações do cotidiano das salas de aulas.

No ensino de Geografia pode-se dizer que nos dias atuais ainda é muito comum a adoção da abordagem tradicional, pautada na utilização frequente do método expositivo e da transmissão de conteúdos pelo professor além de instrumentos avaliativos que valorizam a reprodução do conhecimento por parte do estudante.

O objetivo primeiro da avaliação escolar não é aprovar ou reprovar o aluno, mas reorientar o processo de ensino-aprendizagem, caso a qualidade dos resultados alcançados não seja satisfatória, ou encaminhar o educando para passos subsequentes na construção do seu próprio conhecimento.

Uma avaliação que de fato tenha como finalidade a construção de conhecimentos reais deve estar pautada nas seguintes bases: diagnóstica, processual / contínua, cumulativa e participativa / emancipatória.

De acordo com o Art. 24, inciso V, alínea **a** da LDB, a verificação do rendimento escolar observará critérios como avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

O presente estudo é importante, pois a avaliação é um instrumento que possibilita identificar as possíveis deficiências na aprendizagem e corrigi-las, além de ser um parâmetro para o professor sobre o seu ensino. Deve, portanto, contribuir para criação de alternativas de ação que visem melhorar o ensino e a aprendizagem na disciplina de Geografia. A partir dessa afirmativa, nos questionamos: que concepções os professores têm sobre avaliação da aprendizagem? Quais instrumentos avaliativos os professores utilizam em sala de aula e por quê?

Tomando como objetivo, o artigo cumpre analisar as relações existentes entre as concepções e práticas de avaliação do professor, e como essas relações interferem na vivência de uma perspectiva de avaliação mais inovadora, participativa, democrática e ética.

Por fim, que os achados deste artigo possa contribuir no âmbito das novas perspectivas da avaliação, na expectativa de que os professores possam se reconhecer nos resultados, repensar suas metodologias e construir novos caminhos para a avaliação e aprendizagem no ensino da Geografia.

Dentre os aportes teóricos, trazemos para este estudo de caso as Abordagens do Processo (MIZUKAMI, 1986), as Gerações da Avaliação (GUBA; LINCOLN, 1989) e (MORETO 2006), A Avaliação da Experiência (VIANA, 2014). Os passos metodológicos adotados serão organizados como um Ciclo da Experiência Kellyana (CEK), que visam orientar a aplicação de uma série de instrumentos de coleta e construção dos dados da pesquisa, que serão mais bem detalhados adiante e, por fim, o ensino de Geografia por (CASTELLAR, 2011), (CAVALCANTI, 2006) e (LACOSTE, 1998).

Fundamentação Teórica

A prática docente, como dimensão da prática social mais ampla, consiste numa forma de intervenção de caráter intencional na realidade social. Nesse sentido, o crescente aumento

das demandas sociais tem exigido dos educadores e das escolas um esforço no que diz respeito à construção de caminhos teóricos metodológicos que propiciem a elaboração de propostas pedagógicas capazes de alterar o conteúdo e a forma dos processos de ensino e aprendizagem e avaliação. A partir deste entendimento, percebe-se que a atuação do professor não reside somente sobre o que fazer e o como fazer, mas, sobretudo, porque e para quê fazer.

No cotidiano escolar, o papel avaliativo do educador deve ser o de interpretar cuidadosamente as produções dos alunos na tentativa de que suas posturas e concepções teóricas interfiram o mínimo no que observa.

A preocupação com relação ao ensino de Geografia é evidente e ao longo do tempo, fez com que surgissem pesquisas que tratassem desta temática analisando as transformações ocorridas na disciplina escolar. Esta preocupação vem sendo apresentada nas últimas décadas, propiciando um constante repensar das práticas pedagógicas utilizadas por esta disciplina.

O movimento de renovação da Geografia para alguns autores foi marcado pela disputa de hegemonia de dois núcleos principais, um aglutinado a uma Geografia dita “tradicional”, que se mantinha tal como havia se estruturado nas primeiras décadas do século XX e, outro, que representava uma Geografia Nova, que buscava suplantá-la, que se proclamava “crítica” (CAVALCANTI, 2010).

Sob a ótica de Cavalcanti (1998) as práticas pedagógicas referentes ao ensino de Geografia a partir de suas categorias centrais: sociedade, território, lugar e paisagem; mostra o comprometimento com vista à formação crítica dos estudantes que, antes de tudo, são sujeitos numa sociedade de classe, profundamente desigual e que, portanto, produz espaços materialmente desiguais.

A Geografia, transformada numa disciplina viva, plena de desafios para educadores e educandos, passa a se constituir numa área vital de conhecimento e de formação do cidadão, tal qual o objetivo maior da educação escolar. A esse respeito Cavalcanti (1998, p. 88), assevera que “[...] o ensino de geografia visa à aprendizagem ativa dos alunos, atribuindo-se grande importância a saberes, experiências, significados que os alunos já trazem para a sala incluindo, obviamente, os conceitos cotidianos [...]”.

Ao tratar da aprendizagem, geralmente esperam-se discussões acerca de mudanças ou permanências nos conteúdos escolares, mas o enfoque que será dado a este trabalho estará também sobre os procedimentos, ou seja, as metodologias avaliativas utilizadas nas escolas da

rede estadual da cidade do Recife que precisam buscar um diálogo entre os conteúdos geográficos e a metodologia utilizada para trabalhar tais conteúdos.

De acordo com Antoni Zabala (1998), numa análise da avaliação sob um aspecto qualitativo, tendo a aprendizagem como referencial psicopedagógico, os resultados da avaliação se centram prioritariamente no processo de ensino/aprendizagem.

Com base nisso, ele discute a avaliação em quatro fases: inicial, reguladora, final e integradora.

Num primeiro momento do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, na avaliação inicial, o professor busca informações a respeito do aluno, do que esse aluno sabe, do que ele sabe fazer e de como ele é. De acordo com Zabala, esse seria o ponto de partida que deve permitir estabelecer os tipos de atividades ou procedimentos que venham a favorecer a aprendizagem do aluno.

A avaliação reguladora refere-se ao conhecimento que o professor deve buscar em relação a como cada aluno aprende ao longo do processo de ensino/aprendizagem, para se adaptar às novas necessidades que se colocam.

A avaliação final está relacionada aos resultados obtidos e aos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Diferenciando-se da avaliação integradora ou somativa, que diz respeito a

...um informe global do processo que, a partir do conhecimento inicial (avaliação inicial), manifesta a trajetória seguida pelo aluno, as medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo o processo e, especialmente, a partir desse conhecimento, as previsões sobre o que é necessário continuar fazendo ou o que é necessário fazer de novo (ZABALLA, Antoni.1998).

Para Zabala (1998), a avaliação é um elemento-chave de todo o processo de ensinar e aprender, sua função se encontra estritamente ligada à função que se atribui a todo o processo.

Luckesi (1995) afirma que

...de um lado, a avaliação da aprendizagem tem por objetivo auxiliar o educando no seu crescimento e, por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos, convicções). A avaliação aqui se apresenta como um meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e

no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão.

Dessa forma, o educando tem direito de ingressar, permanecer, ter sucesso e até mesmo regressar (quando for o caso) à escola. Porém, as atuais práticas de avaliação adotadas em muitas escolas ilustram índices de reprovação, desistência, repetência e um consequente fracasso escolar.

É preciso considerar que a “culpa” pelo fracasso não é exclusivamente do aluno. Depende do desempenho de professores e alunos, dos instrumentos utilizados para avaliar o processo de ensino-aprendizagem e da forma com que estes foram utilizados.

Dependendo da concepção do professor, a avaliação poderá exercer diferentes funções. Segundo Guba e Lincoln (1989), apud Viana (2014), as ideias sobre avaliação podem ser mais bem compreendidas quando sintetizadas em Gerações de Avaliação.

Mizukami (1986) tece as Gerações de Ensino definida a abordagem ao qual o professor acha mais adequado para sua metodologia em sala de aula, porém essas abordagens podem ser misturadas de acordo com suas atividades e concepções em suas metodologias ao decorrer de suas aulas para com suas observações no aprendizado do aluno.

A Primeira Geração é caracterizada pela medida do desempenho dos alunos. O conceito de avaliação se confundia com o de medida, podendo ser chamada “pré-história da avaliação” relacionada à abordagem tradicional de ensino (MIZUKAMI, 1986).

A Segunda Geração da Avaliação é conhecida como Geração da Descrição, pois tinha a necessidade de compreender melhor o objeto avaliado. A mensuração estava, nessa geração, a serviço da Avaliação, ligando-se à abordagem de ensino comportamentalista (MIZUKAMI, 1986).

Na Terceira Geração, não adiantava apenas a descrição dos pontos fortes e fracos, visava ir além do como para avaliar o porquê. Essa perspectiva de avaliação está relacionada à abordagem de ensino cognitivista (MIZUKAMI, 1986), pois, baseado nessa compreensão, o avaliador poderia regular e reorientar a construção do conhecimento. O ponto de partida dessa Avaliação era o conhecimento prévio do aluno.

A Avaliação de Quarta Geração distingue-se das outras porque é, antes de tudo, um processo sócio-político, na perspectiva da abordagem sócio-cultural (MIZUKAMI, 1986), compartilhado e colaborativo e tem como característica principal a negociação. As avaliações têm o intuito de saber se aluno adquiriu noções e relações, através de produções próprias,

livres, explicações práticas, considerando o erro, as respostas incompletas ou distorcidas, fugindo, assim, da padronização.

A depender da concepção docente sobre a Geografia, a forma de avaliação deste componente curricular sofre alterações com relação aos objetivos e instrumentos. É necessário que se tenha clareza do que e como se objetiva ensinar com este ou aquele conteúdo, para que se estabeleçam critérios de avaliação pertinentes e coerentes. Numa abordagem tradicional da Geografia, interessa a memorização de conteúdo, desta forma o instrumento avaliativo comumente utilizado é a prova, que exige muito mais a reprodução dos conceitos do que a produção do conhecimento pelo aluno.

Na perspectiva crítica da disciplina de Geografia, a avaliação tem um caráter significativo, considerando a participação do educando e o desenvolvimento de habilidades de argumentação e observação, por exemplo. Sendo assim, os instrumentos que melhor se adequam a este tipo de visão são aqueles que permitem a participação efetiva dos estudantes, como: debates, pesquisas, construção de maquetes, relatórios de aula de campo, entre outros.

O processo avaliativo na Geografia é um referencial que auxilia o educador a refletir sobre a sua prática, ampliando as suas percepções em relação ao educando, ao seu trabalho e, também, em torno de suas próprias perspectivas de atuação. Considerar a avaliação como aliada na qualificação dos resultados é uma forma de nortear a educação, visando a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e das relações que se estabelecem entre dois seres dotados de sentimentos e anseios: professor e aluno.

Metodologia

Este estudo enquadra-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa.

Para construção de dados foi realizada em 5 etapas, que correspondem ao Ciclo da Experiência Kellyana (1963), compreendida como construção, categorização e análise dos dados. Dessa maneira, cada etapa apresentará atividades diferenciadas em que o que foi realizado. O levantamento das expectativas e hipóteses corresponderá à etapa Antecipação. O momento da revisão de literatura e dos estudos de textos, encontros para discussões e elaboração do artigo. Toda pesquisa de campo, análise de documentos, entrevistas com os professores, corresponderá à etapa do Encontro. A categorização e análise dos dados construídos tomando por base a teoria que fundamenta neste artigo.

Iniciamos o artigo através de uma revisão de literatura. Ela é uma parte vital do processo de investigação onde envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia, (utilizamos para isso revistas científicas, livros, anais de congresso, resumos, etc.) relacionada com nossa área de estudo, como informam Cardoso ET AL (2010). “cada investigador analisa minuciosamente os trabalhos dos investigadores que o procederam e, só então, compreendido o testemunho que lhe foi confiado, parte equipado para sua própria aventura” (p.7).

Em um segundo momento, realizamos uma análise descritiva – exploratória na qual, de acordo com Minayo (1994), enfatiza se o levantamento de informações que permitam apreender o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes relacionadas ao fenômeno estudado, considerando- se, para tanto, o contexto sócio histórico dos participantes do estudo.

O campo de pesquisa é direcionado às instituições da Rede Pública de tempo Integral do estado de Pernambuco, na cidade do Recife. Os sujeitos da pesquisa são professores dessas instituições que ministrem o componente curricular Geografia. Para uma pesquisa mais ampla serão investigados professores com formação na área e/ou sem formação na área que ministre o componente curricular da disciplina em estudo.

A partir do levantamento dos dados pela entrevista semiestruturada, obtivemos dados gerais a cerca do Projeto Político Pedagógico em consonância do ensino de Geografia nas escolas da rede estadual de ensino da cidade do Recife, em diferentes bairros, sendo eles o bairro do Hipódromo, bairro da Várzea, Tejipió e Mostardinha. Por critério de exclusão, foram escolhidas quatro escolas de Referência em Ensino Médio com os professores formados em Geografia atuantes, os demais professores não se sentiram à vontade em ser entrevistados.

Os Colégios a serem destacados fazem parte do programa de Ensino Integral de Pernambuco, onde os estudantes estudam durante a semana o dia todo, numa carga horária mais ampla, juntamente com algumas disciplinas extra pedagógica que são os projetos desenvolvidos dentro da escola com o auxílio dos professores. Sendo assim, essas escolas de Referência seguem um mesmo cronograma e ementa das disciplinas, dentre elas Geografia, ao qual foi permitido o acesso este cronograma e dos assuntos a serem abordados durante o ano letivo, padronizando, assim, o ensino nas escolas de ensino Integral da cidade do Recife.

Para a coleta de dados foi utilizado instrumentos de coleta de dados às ferramentas avaliativas utilizadas pelos docentes, entrevistas semiestruturadas com os professores e a análise do projeto pedagógico da instituição em atuação. Para Moraes (2011) há diversos instrumentos avaliativos capazes de coletar informações fundamentais à realização da avaliação da aprendizagem, ficando em maior destaque maior a prova, utilizada por inúmeros professores. Este instrumento avaliativo, assim como outros, possui aspectos positivos e negativos que são definidos a partir do que o professor faz com o seu resultado.

Neste momento, estruturamos para a análise de dados a formulação de perguntas a cerca das concepções e práticas sobre a avaliação da aprendizagem utilizado em sua metodologia de ensino, sua estrutura e os instrumentos avaliativos na disciplina de Geografia. Diante disso, foram feitas entrevistas com sete perguntas aos professores sobre sua concepção sobre avaliação, sua prática avaliativa, como se avalia em Geografia, quais os instrumentos avaliativos são utilizados na aprendizagem dos alunos e qual a relação do Projeto Político Pedagógico com a prática avaliativa utilizada pelo professor em sala de aula.

Usamos para a coleta de dados um questionário para categorizar dados gerais sobre avaliação com 11 professores aos quais são professores supervisor de estágio III nas escolas parceiras do IFPE – Campus Recife. Dentre os professores que fizeram o questionário, 4 deles foram selecionados para uma entrevista semiestruturada sobre suas concepções e práticas avaliativas, assim como seus instrumentos avaliativos e estruturação em para o ensino de Geografia na sala de aula em consonância com o Projeto Político Pedagógico do colégio.

Resultados e Discussão

Obedecendo a sequência das perguntas juntamente com os objetivos específicos do plano de atividades, obtivemos os resultados a cerca das concepções e práticas de avaliação das escolas selecionadas, respeitando assim, todo seu conhecimento e formação acadêmica no ensino da Geografia. Serão destacadas a seguir, nas falas dos professores, letras para diferenciar as respostas entre um professor e outro a cerca do estudo em questão.

Na primeira pergunta foi perguntada qual a concepção sobre avaliação. E de acordo com os professores das escolas A e B:

“A avaliação é um processo de aprendizagem, caracterizada pela predominância dos procedimentos qualitativos sobre os quantitativos

dos processos sobre aspectos de natureza cumulativa, continua, sistemática, extensiva e classificatória.”

De acordo com Lukesi (1999, p. 33), a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. Uma vez que os professores citem sobre os processos de aprendizagem, os mesmos citam a qualidade da avaliação e sua natureza de forma construtivista, e formativa a respeito da sua concepção avaliativa.

Na segunda pergunta, foi perguntado quando se avalia em Geografia, e, agrupando as respostas dos professores:

“Avalia-se atendendo as necessidades de formação geral e construindo aprendizagens sintonizadas com as possibilidades e os interesses dos estudantes, e também com os desafios da sociedade atual.”

Na terceira pergunta, foi perguntado sobre a importância de avaliar. Segundo os professores B e D:

“Avaliar é importante, pois assegura aos jovens para que reconheçam suas potencialidades e vocações, identifiquem perspectivas, construam aspirações e metas de formação e inserção profissional no mercado de trabalho e também na sociedade em geral.”

Sendo a pergunta número dois e número três complementares, chega – se a uma concepção que não se pretende “aprovar” o aluno a todo custo, “sem saber nada”. O que se pretende, na realidade, é levar o educando a perceber que a escola não é a dona do saber e da verdade, é saber que ele traz consigo conhecimentos adquiridos em outros ambientes, que podem e devem servir como base para a aquisição de novos saberes, levando em conta o conhecimento prévio do estudante nas demais disciplinas estudadas na escola como também fora do espaço escolar.

Cabe ao professor, nesse momento, estabelecer essa relação entre esses conhecimentos, promovendo a formação de cidadãos críticos, capazes e atuantes.

A educação, dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o

pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996).

Na quarta pergunta foi perguntado sobre os instrumentos avaliativos utilizados na aprendizagem em sala de aula. Todos os professores falaram provas, exercícios, seminários. Complementando o que foi assinalado pelos professores, o professor C justifica:

“...Os instrumentos avaliativos utilizados são as aprendizagens vivenciadas em situações didáticas planejadas por unidades didáticas bimestrais, verificação de aprendizagem em forma de exercícios sendo atribuída notas durante essa construção.”

Mizukami (1986) também corrobora sobre processos avaliativos que para alguns professores seja uma característica para metodologias na avaliação da aprendizagem, sendo um processo de assimilação do conteúdo discutido em aula dinâmico, objetivo e reflexivo. Ainda segundo a autora, ela destaca na terceira geração sobre avaliação cognitiva, o que leva em consideração todo o processo de assimilação do conhecimento que desde as primeiras aulas o aluno é avaliado com sua participação e seu conhecimento prévio quando questionado em sala de aula.

Segundo Chervallad (1991), as notas fazem parte de uma negociação entre o professor e seus alunos, ou pelo menos, em arranjo que lhe permite fazer trabalhar, ficar em silêncio, prestar atenção, em vista do objetivo supremo: passar de ano.

Avaliação não é uma operação instantânea. Leva tempo, requer um trabalho de elaboração de instrumentos, de administração, de provas, de codificação e interpretação de resultados.

O professor deve avaliar por razões diversas, não apenas para fundamentar uma decisão de orientação. Avalia para gerir a progressão no programa, para motivar o aluno, para manter a ordem, para informar os pais, à administração, para certificar os conhecimentos do ano e, portanto para garantir o direito a uma promoção. (PERRENOUD, Philippe . 1999. p. 86)

Sendo assim, o que une aluno e avaliador é uma relação social específica, que na realidade une mais do que duas pessoas. O avaliador é um agente de uma organização

complexa, em nome da qual avalia, enquanto que o aluno faz parte de uma turma, pertence à uma família, grupos diferentes envolvidos pela avaliação de seus membros. Esta relação de forças não é equilibrada.

Segundo fala dos professores, “avaliar requer consciência crítica, abertura e predisposição para aceitar o que precisa ser mudado, compreensão dos limites do outro e um possível auxílio ao educando que se está formando, se desenvolvendo e construindo conhecimentos, hábitos, competências e valores indispensáveis que o conduza à realização de si mesmo e ao reconhecimento do outro como sujeito”.

Articulada ao Projeto Político Pedagógico, sob perspectiva dos professores entrevistados a avaliação da aprendizagem deve ser negociada com os alunos e ir além do aspecto cognitivo. A maneira como a escola avalia é o reflexo da educação que ela valoriza. Essa prática deve ser capaz de julgar o valor do aluno e possibilitar que ele cresça como integrante de uma comunidade. Em última instância, deve visar à superação da exclusão, almejando o cumprimento da missão da escola de transformar a sociedade através da formação de cidadãos críticos, atuantes e mais humanos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um importante instrumento pedagógico na prática do professor o instrumento avaliativo ajuda a tomar decisões e planejar estratégias. Contudo, a necessidade da produção de novas estratégias é primordial ao ver a dificuldade, buscando ao máximo as competências do aluno.

Pensar nas práticas avaliativas como um instrumento de verificação de aprendizagem requer não só do professor de Geografia como também da rede de ensino do Estado de Pernambuco, uma vez unificados os assuntos essa padronização de conteúdo não é o suficiente para a aprendizagem e didática adotada pelos professores.

É notório o desempenho dos professores numa sala de aula sem infraestrutura ao qual dificulta o papel do professor quanto do estudante, inviabilizando, por vezes, uma avaliação processual, formativa e diversificada.

Esse sistema de educação Integral como Escola de Referência em Ensino Médio na cidade do Recife existe a 10 anos sendo uma forma de o aluno aproveitar ao máximo o tempo na escola para sua formação e ingressar no mercado de trabalho e/ou universidades. Há nesse

sistema de ensino Integral pontos a serem ressaltados a cerca da avaliação que ocorre pelo método tradicional do instrumento avaliativo prova, acompanhado dos exercícios complementares em sala atribuídos pontos, além dos trabalhos desenvolvidos em casa.

Não existe fórmula pronta para que o professor realize uma boa avaliação. Os instrumentos devem ser diversificados, sucessivos, participativos, relevantes e significativos, sendo construídos pelo professor de modo que se possa compreender como a construção do conhecimento está ocorrendo em seus alunos. Diversificando os instrumentos é possível abranger todos os aspectos do desempenho do aluno.

Considerar e valorizar a participação do aluno, seus exercícios feitos em aula e em casa, trabalhos de pesquisa em grupo e individual, interpretação, produção textual, debates, organização do caderno, frequência, disciplina, seu interesse, iniciativa, autonomia, questionamentos, empenho e desempenho. Essas observações devem fazer parte do dia a dia do professor, pois trata-se de considerações que não são possíveis de serem avaliadas com uma prova. É importante a utilização de vários instrumentos, no sentido de avaliar o aluno em todas as suas vertentes.

É decisivo o papel que o professor realiza no cotidiano da escola. Esse precisa ser objeto de estudo, de planejamento e de ações coletivas no interior da escola, para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que realmente promova a aprendizagem dos alunos.

A avaliação é uma questão que merece a reflexão dos professores, que devem se questionar sobre os instrumentos utilizados, sua produção, a frequência em que ocorrem, os critérios de avaliação e os seus objetivos.

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.394. de 20/12/1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CASTELLAR, S.M.V. **Alfabetização em geografia. Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CASTELLAR, S.M.V. **A percepção do espaço e a distinção entre o objeto e o seu nome.** Caderno CEDES, Campinas, n. 39, p. 88-96, 1996.

CARDOSO, T., Alarcão, I. & Celorico, J. **Revisão da literatura e sistematização do conhecimento.** Porto: Porto Editora, 2010

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1993.

KELLY, George A. **A theory of personality: the psychology of personal constructs**. New York: W.W. Norton, 1963.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, J. F. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora: pressupostos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa, bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalho científico**. 7 ed. São Paulo: Atlas. 2011.

MORETO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação no espaço da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979

VIANA, K. S. L. **Avaliação da Experiência: uma nova perspectiva de avaliação para o ensino das Ciências da Natureza**. 202 f, Recife. Tese (Ensino de Ciências e Matemática), UFRPE, 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** / Antoni Zabala; trad. Ernani F da F. Rosa – Porto Alegre : ArtMed, 1998.